

# Mulheres Centrais

## Inominável | Monica Rizzolli

Criar é inominável. E a criatura tem equivalência de poderes com seu criador. Chegar nesse postulado não é de hoje, mas de duas décadas, quando tudo ainda era intuitivo e bruto. Aos 11 anos de idade, Monica Rizzolli desenhava porque sim, porque gostava, até descobrir, dois anos depois, os livros de arte e teoria do bisavô pintor e visitar o ateliê de um tio-avô. Foram dois momentos claros, o primeiro aos 11 anos (gostava de desenhar), e o segundo aos 13 (começava a estudar desenho). E tanto um quanto outro movimento jamais sairiam de dentro de Monica. Sua força motriz criadora submeteria a técnica, e sua técnica se abandonaria aos apelos da força motriz criadora. Por isso criar é inominável.

### Queda

Uma necessidade da água, do líquido como símbolo, material e mito. Não foi Monica quem escolheu seu objeto de inspiração para a nova série de desenhos, chamada *Queda*, que passou meses produzindo. Foi bem mais o objeto que se instalou nela e foi lhe pedindo contrapartidas que o fizessem crescer. Monica o atendeu e foi beber *Água Viva*, da escritora Clarice Lispector; *A água e os sonhos*, do filósofo e poeta Gaston Bachelard; a série *A imitação da água*, da artista plástica Sandra Cinto. Com isso já criava uma certa obsessão salutar pelo líquido que buscava absorver e devolver à realidade transfigurado pela arte.

Talvez (e é bem provável) que seja assim a criação nos seus primórdios: existem reminiscências de histórias passadas – lembranças de cheiros, cores, sensações, sons e vivências – que fazem um determinado tema emergir com força no artista. As necessidades metafísicas da vida presente, então, insistem para que o tema fique, se aloje e frutifique, porque a partir dele o futuro será mais completo.

Pouco a pouco a vida vai se tornando água. Os olhos ficam tão sensíveis ao objeto que veem referências à água em tudo, e quando não veem, buscam onde há, dos livros aos filmes e às conversas despreziosas das pessoas na rua. A procura é tanta que olhos se liquefazem eles mesmos, e a artista, farejando a obra que se desenvolve com sua ajuda e à sua revelia, coloca-se na mira do objeto.

### Submersa

Monica Rizzolli queria nadar no mar Mediterrâneo. Em Anacapri, comuna italiana na ilha de Capri, foi à praia do Forte. Hesitou quando viu a rebentação violenta das águas no rochedo. Como num desses cenários oníricos, a violência do mar fazia contraste com a segurança de uma escada de piscina instalada à beira do rochedo por onde os banhistas podiam sair da água. E nesse mesmo cenário onírico, um senhor poliglota apareceu e lhe ofereceu, em português, ajuda para descer ao mar e explicar-lhe o ciclo da água.

“Eu mergulhei, foi tranquilo. Dois minutos depois, o senhor disse que já era hora de sair. Me disse para ir em direção à escada e que ele me avisaria quando fosse a hora de sair. A escada estava a menos de dois metros de distância de mim, mas cada vez que eu tentava alcançá-la, a correnteza me puxava para trás. O senhor me dizia: não é a hora ainda. Eu fui ficando com medo, desesperada. Entrei num estado de irracionalidade completa. Pensei que fosse afundar e nunca mais sair daquele lugar. Foi a distância mais longa da minha vida. Foi um mergulho dentro de mim, do meu inconsciente. Quando consegui sair, tremia muito. O senhor se aproximou e disse: *hoje você viveu a experiência da profundidade*. Aquilo me marcou imensamente”. Monica não quer transformar essa vivência numa imagem específica, mas a experiência é força motriz no processo de criação. Como falar de imersão sem estar dentro d’água?

### Superfície

Na volta à superfície, o desprendimento das referências, bibliografias, imagens e experiências acumuladas é necessário. Para falar de água, é preciso estar seca, do contrário, repete-se a referência e nada novo é gerado. No final ato criativo de Monica Rizzolli, importa mais o gesto que o objeto. “Quando você vai criar uma imagem, não pode impor a sua vontade na construção dela. Se você pré-determina como ela vai ser, essa predeterminação é o que você

já conhece, é o compreendido e visto. Para que a imagem seja nova e fale de algo que vá além do racional e consciente, ela tem que se construir por si mesma”.

Só há um primeiro momento racional: a definição dos pesos e massas gerais que constituirão o desenho completo. A partir disso, nada mais preocupa a artista. As cores, padronagens e detalhes de cada desenho não serão fruto da sua oferta, mas da demanda da própria obra. Acredite: as imagens pedem as cores que querem, os traços, a vida que desejam. “Depois de trilhada a rota, você pode se perder à vontade porque sempre vai voltar para o seu eixo”.

### Escafandro

Disciplina é escafandro. Sem ela, Monica se afoga na própria profusão de ideias. A série *Queda* foi um trabalho diário, de meses. Como regra que ela mesma se impõe, tem que ser operária, acordar cedo, almoçar certo, trabalhar, café da tarde, casa, descanso. Assim produz. Treina o corpo e diz à mente que há algumas coisas a serem aprendidas, pois seu raciocínio lógico e claro é desses que se forjam com método. Monica desenha, fotografa e cataloga padronagens da paisagem urbana de São Paulo; na rua, observa as pessoas, as relações humanas e as camadas de História sobrepostas em construções erguidas sobre outras mais antigas. Esteve na China em 2010 e lá comprou um caderno de anotações que, segundo a escrita chinesa, é usado da direita para a esquerda. Sempre foi muito crítica para verbalizar o próprio pensamento e escrever. E a base de treino para limar a dificuldade foi o caderno chinês. Monica escreve, mas por causa da posição da mão no caderno não consegue ler o que escreve. “Isso me deu distanciamento suficiente para escrever tudo o que me vem à cabeça. É a primeira vez que consigo manter uma escrita constante. É um caderno que só funciona se você coloca no espelho”.

No espelho, a vida ao contrário e com sentido é metáfora para a (re)criação da realidade. Monica faz levantar o caderno diante da lâmina refletora e decifrar o pensamento que leva em si e aos poucos conhece. Outra vez, é a demanda quem determina a criação, e Monica é fonte e instrumento da arte que brota com seu consentimento – embora bem mais à sua revelia.